

## Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

### INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
  - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
  - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
  - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
  - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
  - esteja assinada fora do local apropriado;
  - possibilite a identificação do candidato.

### Questão 01 (Valor: 15 pontos)

Respirei e sentei-me. D. Plácida atroava a sala com exclamações e lágrimas. Eu ouvia, sem lhe dizer coisa nenhuma; refletia comigo se não era melhor ter fechado Virgília na alcova e ficado na sala; mas adverti logo que seria pior; confirmaria a suspeita, chegaria o fogo à pólvora, e uma cena de sangue... Foi muito melhor assim. Mas depois? que ia acontecer em casa de Virgília? matá-la-ia o marido? espancá-la-ia? encerrá-la-ia? expulsá-la-ia? Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos enfermos ou cansados. Lam e vinham, com o seu aspecto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: és tu, tu e não outro.

De repente vejo um vulto negro; era D. Plácida, que fora dentro, enfiara a mantilha, e vinha oferecer-se-me para ir à casa do Lobo Neves. Ponderei-lhe que era arriscado, porque ele desconfiaria da visita tão próxima.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1992. p. 149. (Coleção Grandes Leituras).

Transpor a obra narrativa para o cinema é um processo complexo que implica a eleição de ações a serem representadas, pois num filme estão envolvidas diferentes linguagens além da verbal.

No trecho transcrito do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, indique a parte da narrativa que oferece dificuldade de transposição para a linguagem fílmica e explique de que modo essa dificuldade pode ser resolvida.

---

Questão 02 (Valor: 15 pontos)

I. Lembro-me do soldado vesgo e de farda branca que, na Colônia Correcional, ao receber-nos, ameaçava destruir-nos, não num forno crematório, mas pouco a pouco. Dizia aos recém-chegados:

— Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo. Não vêm corrigir-se: vêm morrer.

Todos iguais — ladrões e “ladrões” —, nenhum direito, os soldados podiam jogar-nos impunemente no chão, rolar-nos a pontapés. E finar-nos-íamos devagar. “Os que têm protetores ficam lá fora.”

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 31.

II. GUERNICA (1937). Pablo Picasso - obra que retrata a Guerra Civil Espanhola.



HARRIS, Nathaniel. **Vida e obra de Picasso**. Tradução Talita M. Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 58-59.

A luta contra o autoritarismo e a intolerância tem inspirado escritores e artistas de todas as épocas.

Comente o tratamento dado a esse tema no romance *Em Liberdade*, de Silviano Santiago; no quadro *Guernica* de Pablo Picasso e no filme *A Excêntrica Família de Antônia*, de Marleen Gorris.

---

Questão 03 (Valor: 20 pontos)

- I. — Sinhazinha, qué cocada hoje?  
— Não, respondeu Capitu.  
— Cocadinha tá boa.  
— Vá-se embora, replicou ela sem rispidez.  
— De cá! disse eu descendo o braço para receber duas.

Comprei-as, mas tive de as comer sozinho; Capitu recusou. Vi que, em meio da crise, eu conservava um canto para as cocadas, o que tanto pode ser perfeição como imperfeição, mas o momento não é para definições tais; fiquemos em que a minha amiga, apesar de equilibrada e lúcida, não quis saber de doce, e gostava muito de doce.

Ao contrário, o pregão que o preto foi cantando, o pregão das velhas tardes, tão sabido do bairro e da nossa infância:

*Chora, menina, chora,  
Chora, porque não tem  
Vintém,*

a modo que lhe deixara uma impressão aborrecida. Da toada não era; ela a sabia de cor e de longe, usava repeti-la nos nossos jogos da puerícia, rindo, saltando, trocando os papéis comigo, ora vendendo, ora comprando um doce ausente. [...]

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 27. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 37. (Série Bom Livro).

- II. Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 9.

- III. — Estou vendo, estou vendo — disse Leléu. — Que é que eu posso fazer, não sou o reis dos mares.

Todo dia a gente come o peixe — ia dizendo — e um dia o peixe tem de comer um. Mas não disse, ficou escutando incrédulo o que lhe pediam.

— Tá todos dois doidos, doidos, doidos — sentenciou, virando as costas.

Está certo, podiam estar doidos, mas que custava Leléu concordar com o que propunham?

— Custa meu barco — respondeu zangado. — Se aquele bicho mascou o bote como quem mastiga um carapicu frito, é com meu barco que ele vai palitar os dentes?

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 258.

---

As relações entre língua e sociedade são indiscutíveis.  
Explique o modo como a diversidade lingüística se manifesta nos fragmentos transcritos.

**Questão 04** (Valor: 15 pontos)

Esforço-me para não fazer ficção a partir dos acontecimentos que narro neste diário.[...]  
Não gosto de imaginar como as pessoas se encontram, como as coisas acontecem, gerando enfado ou surpresa; não gosto de imaginar que frases são ditas, que gestos são feitos.

Pego, na minha lembrança, uma cena antiga, construída pelo meu cotidiano, e trabalho-a segundo a minha intenção no romance. Como um bom cozinheiro, recheio a personagem com a minha pessoa, antes de assá-la no forno da imaginação poética. Transformo-a em personagem que pode apetecer os mais requintados gostos. Como bom copeiro, ponho a mesa, pratos e talheres para a situação banal do dia-a-dia, enriquecendo-a de detalhes acessórios e significativos. Gosto que tudo signifique. Até uma vírgula.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 98-99.

Leia o fragmento transcrito e explique a forma como a função metalingüística nele se manifesta.

Questão 05 (Valor: 15 pontos)

[...]

- I. Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.  
Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.  
Os ferozes padeiros do mal.  
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.  
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.  
Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo  
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 98.

- II. Ainda por cima, a menina nasceu não só antes do dia como antes da hora, por assim dizer. Nasceu quase dentro do saveiro em que viajavam para a Encarnação e ninguém contava com isso, pois pelas contas ela era para nascer em março. [...]

— Te segura, aperta essas pernas! — gritara Nego Leléu, que nunca havia imaginado ficar tão inquieto vendo pela primeira vez uma mulher parir. — Já tá chegando, já tá chegando, já vamo chegando, já chegemos!

Mas não tinham chegado e, ao atracarem às pressas, o pessoal de terra segurando a borda do barco com as mãos porque nem tempo de fazer as amarras houve, foram carregando Vevé para a casinha de da Hora com a menina já botando o cocuruto pelo meio das pernas da mãe e, assim que a deitaram, o nascimento se completou. Da Hora nem acreditou que era primeiro filho nem que era de oito meses e meio, uma menina tão forte, de choro tão estridente, um parto que mais parecia uma bufa — ficou desconfiada. E Leléu também ficaria, se não tivesse praticamente testemunhado todos os acontecimentos que levaram àquele parto e se, mesmo enrolada num pano e de olhos fechados, não se visse que a menina era mulata, talvez puxada ao

---

pai. Foi o que se foi vendo mais tarde, pois, apesar da pele azeitonada parecida com a da mãe, os cabelos eram praticamente lisos e os olhos — que lindos olhos tinha a serelepe! — verdes, verdes, verdes como duas contas, tão bonitos que vinha gente vê-los, tinham feito fama.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 254-255.

Considerando o contexto do poema de Carlos Drummond de Andrade e o do romance *Viva o Povo Brasileiro*, analise o nascimento da flor e o da menina, nas respectivas obras, evidenciando o simbolismo de cada um.

### Questão 06 (Valor: 20 pontos)

I. O meu dono começou a andar para casa e eu lá fui atrás, era para isso que existia. Não falou ao major da mijada que dera nos calções, devia ter vergonha. Mas era evidente. Eu não vi, quem sou eu para entrar na casa onde despacham os nobres directores da majestática Companhia das Índias Ocidentais? Tinha uma certa curiosidade em conhecer o director Nieulant. Diziam ser o melhor dos dois representantes da toda poderosa Companhia, fundada para colonizar os territórios à volta do Atlântico. Mas tive de ficar na rua, à espera de Baltazar Van Dum. Tudo o que possa vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Sobre este caso e sobre muitos outros. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação. Sirvo-me sempre dela para completar relatos que me são sonogados, tapando os vazios.

PEPETELA. **A gloriosa família**: o tempo dos flamengos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 14.

II. Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra. Quando eu era menino li a história de um velho que estava com medo de atravessar um rio. E foi quando apareceu um homem jovem que também queria passar para a outra margem. O velho aproveitou e disse:

— Me leva também? Eu bem montado nos teus ombros?

O moço consentiu e passada a travessia avisou-lhe:

— Já chegamos, agora pode descer.

---

Mas aí o velho respondeu muito sonso e sabido:  
— Ah, essa não! É tão bom estar aqui montado como estou que nunca mais vou sair de você!

Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros. [...]

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 21-22.

III. A mulher que me escreve tem que continuar a me escrever. A qualquer preço. Sei como fazer. [...]

Para continuar a me escrever, a mulher que me escreve precisa continuar a viver. E para continuar a viver, ela precisa de alguém que lhe faça companhia, no seu desespero e no seu arrependimento e no seu remorso. Ela precisa de alguém que a ajude a carregar a própria culpa.

[...]

Eu odeio a mulher que me escreve. Mais uma vez, ela falou, porque eu quis. A minha vontade a conduz pelos elos da minha imaginação. Desejei ouvi-la no seu delírio, só para sentir até que ponto eu a odeio. Ela me odeia. Estamos vivas. Escravas uma da outra.

Minha autora espera ansiosamente terminar este livro. Olha as folhas escritas e suspira, sem saber o que eu sei. Sei o que é preciso, para levar adiante a minha estória. Agora a mulher que me escreve tem outros motivos para se recusar a me escrever. [...]

CUNHA, Helena Parente. **Mulher no espelho**. São Paulo: Art Ed., 1985. p.142; 154-155.

Considere cada fragmento no contexto do romance do qual foi extraído e comente o foco narrativo nas três obras, explicitando as relações do narrador com as personagens da trama.